



Esquinas da política – O humor da crônica e a lógica do *fait diver* nas esquinas da revista piauí¹

Manfred Froese Matos²

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

Resumo

Partimos das contribuições teóricas de Antonio Cândido e Roland Barthes para analisar quatro textos breves, publicados na editoria esquina da revista piauí³. As matérias selecionadas tratam de indivíduos envolvidos na esfera da política ou de acontecimentos que se processam nesse âmbito. Procuramos identificar algumas regularidades discursivas na escrita desses textos e verificar em que medida eles se inserem na tradição dos gêneros da crônica jornalística e do *fait diver*.

Palavras-chave

Jornalismo e literatura; crônica jornalística; fait diver; análise narrativa.

1. Na esquina, encontro da crônica com o *fait diver*

Para orientar o olhar que lançamos sobre o nosso objeto⁴ de estudo buscaremos apoio em dois textos que são, no interior da tradição acadêmica a qual pertencem, pequenos clássicos. O primeiro é o ensaio intitulado *A vida ao rés-do-chão*, de Antônio Cândido. Texto bastante conhecido, avalia sinteticamente o legado da *crônica* na literatura nacional. O autor nos apresenta panoramicamente a trajetória histórica desse gênero, que possui ligação íntima com a história da própria imprensa; numa escolha de termos que carrega a genialidade do que é simples, define: a perspectiva da crônica não é a daqueles que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão (CÂNDIDO, 1992, p.14). É a narrativa que se desprende dos assuntos e do tom grave dos gêneros considerados 'maiores' na literatura. É a história do cotidiano, dos traços

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

³ Ao citar o nome da revista e de suas editorias mantemos, neste trabalho, a grafia que caracteriza os nomes na edição impressa da revista, sempre com iniciais em caixa baixa.

⁴ Esse artigo faz parte da pesquisa em andamento sobre a revista *piauí*, realizada pelo autor no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.



insólitos de seus personagens comuns, do curioso que permeia os lugares e as situações partilhadas por toda a gente.

Os textos publicados na sessão esquina da revista *piauí*⁵ integram essa tradição da crônica brasileira pois conservam alguns de seus traços distintivos, tão habilmente identificados por Cândido. Dentre esses está naturalmente o humor, como está também certa intenção de humanizar as pessoas retratadas. Atenhamo-nos ao primeiro. O humor é insistentemente irônico; uma ironia que reveste a linguagem, é sinalizada pela escolha do léxico, está nos comentários que o narrador tece à respeito dos dramas das personagens; ironia que parece conceder, às vezes, uma espécie de salvo-conduto intelectual, isentando o redator de assumir uma posição clara frente aos assuntos que aborda. Pois que a ironia tem esse poder de dissimular o *lugar de onde se fala*⁶. Ela pode mesmo funcionar como uma espécie de força-motriz da escrita; trata-se de uma operação intelectual (na concepção) e literária (na execução) relativamente simples de ser empreendida; por meio dela é possível sublinhar o absurdo que permeia as instituições, os ritos, os hábitos, as práticas ou qualquer outro alvo costumeiro dessas crônicas; pela definição, a ironia é o recurso retórico pelo meio do qual se dá a entender o contrário daquilo que realmente se diz. Assim, de partida, esse não dito, esse subentendido é implícito, é tácito. Sua compreensão depende e é construída à partir do acervo de conhecimentos circunstanciais que possui o leitor sobre a matéria em questão.

Mas, ao ler essas esquinas, têm-se por vezes a impressão de que não há muito para ser compreendido. Pode ser que a 'crítica' que aí se exerce seja não inteiramente gratuita mas certamente descompromissada. É como se, no momento de idealizar esses textos e redigi-los, o autor colocasse uma *lente*⁷ que permitisse compor com qualquer objeto uma cadência de idéias irônicas; uma cadência que pede a nota seguinte, vai se adiantando ao compositor – está sempre um passo à frente, esperando-o. Segue daí uma última constatação: a ironia tem um poder invejável de *relativização*.

⁵Cabe uma pequena apresentação da revista: em circulação desde outubro de 2006, a ela foi oficialmente lançada na Festa Literária de Parati, em agosto do mesmo ano, resultado de um projeto conjunto de João Moreira Salles, documentarista e proprietário da Videofilmes, e Luiz Schwarcz, editor da Companhia das Letras. Com periodicidade mensal e distribuída em todo o território nacional, a circulação total da revista gira em torno dos 30 mil exemplares, havendo 18.800 assinaturas contabilizadas em junho de 2009 (segundo dados do Instituto Verificador de Circulação, IVC). A sessão esquina ocupa de quatro a cinco páginas, logo no início da revista, contendo uma média de sete textos. Os textos não são acompanhados por fotos, apenas ilustrados com desenhos livremente inspirados em seu conteúdo. Textos não assinados, mantém um padrão de linguagem relativamente uniforme e raramente se estendem por mais de 8000 caracteres.

⁶Sobre o estatuto da ironia na literatura clássica e moderna, ver Barthes (1970 b, p.40). Partimos das reflexões do autor para pensar sobre a ironia nos nossos textos objeto.

⁷No sentido em que Bourdieu (1997) emprega o termo.



Cândido constata que a crônica também *humaniza*. O que se quer dizer exatamente com esse termo? Em relação aos nossos textos seria lícito levantar a seguinte hipótese: o espaço da *esquina*, como aliás boa parte daquilo que se preconiza amplamente como 'jornalismo literário', deseja devolver aos indivíduos que servem de matéria e inspiração à suas histórias, um rosto bem definido. Deseja devolver-lhes a dignidade que escapa no anonimato das estatísticas, na rudeza das descrições e na efemeridade violenta do jornalismo praticado cotidianamente⁸. Se aceitarmos essa ideia, podemos constatar que existe uma cartilha de normas formais, macetes estilísticos para a boa consecução desse projeto⁹. Ele se traduz, amiúde, em montar um 'quadro' de hábitos, descrições físicas e idiossincráticas dos indivíduos – compor um personagem, enfim. Tais personagens emergem efetivamente nas esquinas, contrapostos à figura pública que deles se conhece através de outros canais de informação. O caráter dessa humanização, seus limites, as semelhanças que guarda com procedimentos da literatura realista, são apenas algumas das questões que sugerem um estudo mais aprofundado, além dos limites desse ensaio.

Para arrematar esse ponto, voltamos ao texto de Cândido. Comentando a evolução histórica do formato na imprensa brasileira, o autor nota que com Machado de Assis e José de Alencar a crônica ainda se assemelhava a um artigo leve. Com Olavo Bilac a “crônica já estava brasileira, gratuita e meio lírico humorística” (idem, p. 16). Na diferença de vocabulário empregado por Bilac em seus discursos e nas crônicas que redigia (identificando assim a gramática própria de um gênero, que, naturalmente, cinge a escrita de quem porventura nele se aventura), percebemos uma conquista significativa desses textos singelos:

Num país como o Brasil, onde se costumava identificar superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical, a crônica operou milagres de simplificação e naturalidade (...) O seu prestígio atual é um bom sintoma do processo de busca da oralidade na escrita, isto é, de quebra do artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser de nosso tempo. E isto é humanização da melhor (CÂNDIDO, 1992 p.16)

⁸Uma imagem recorrente que poderíamos eleger (sem pretensão científica, claro, apenas a título de ilustração) como a gota d'água para deflagrar esse movimento 'pró-humanização' seria a que se vê nos telejornais: o repórter se aproxima de um parente direto de uma vítima fatal e lhe pergunta, exigindo e indicando simultaneamente uma resposta padronizada, 'como se sente' frente ao ocorrido.

⁹Os escritos de Tom Wolfe e Edwaldo Pereira Lima são lidos dessa maneira por alguns estudantes de jornalismo, a julgar pelas monografias publicadas recentemente: (FERNANDES, s/d), (MARQUES, 2007) e (LINS, 2008).



Em A vida ao rés do chão somos levados a reconhecer, através de exemplos de Drummond de Andrade, Fernando Sabino e Rubem Braga, que a crônica não é gratuita, descompromissada e ingênua em sentido pejorativo. Não, esses são justamente os atributos que a permitem explorar uma grande riqueza de significados; realizar de maneira consciente e sincera uma abordagem que dê conta da complexidade da vida cotidiana. Essa habilidade não é um atributo exclusivo dos gêneros maiores da literatura, suposição que certamente está na base de muita crítica às possibilidades de escritura dos gêneros híbridos do jornalismo, como é o caso da crônica¹⁰.

Se os textos da esquina integram a tradição brasileira da crônica por sua afinidade com esse mundo das pequenas ações, de homens e mulheres comuns (não é o caso, evidentemente, nos textos que escolhemos para essa análise, espécie de exceção no universo total das crônicas da revista piauí), pelo interesse do discurso em declarar notável o que geralmente é tachado de insignificante, afasta-se das tendências modernas dessa tradição em seu aspecto estilístico. O tom dessas narrativas parece ecoar não apenas o sarcasmo com que o célebre João do Rio matizava seus comentários mas também a postura esnobe. O léxico refinado (por vezes, bastante 'dicionarizado') foi compreendido como um sinal de distinção por um dos primeiros trabalhos dedicados aos aspectos gráficos e discursivos dessa publicação (VÁZ e MINTZ, 2007). Uma análise que se aprofunde nos aspectos discursivos da revista terá de se ater nesse aspecto.

O segundo artigo que nos fornece ideias interessantes para dialogar com os textos da esquina é A estrutura da notícia, outro texto de referência, publicado por Roland Barthes em 1962. Nele o autor almeja definir as características estruturais do *fait divers*, um tipo particular de notícia que possui um passado ancorado nas gazetas do século XVII e, além do mais, preserva uma surpreendente vitalidade através dos desenvolvimentos da imprensa¹¹. Vamos desmembrar alguns argumentos contidos nesse artigo para criar uma espécie de acervo, o qual empregaremos na análise dos textos. Tal como na reflexão anterior, também aqui não há correspondência exata entre o *fait diver* de Barthes e o caráter dos textos da piauí. Os textos da esquina são crônicas, são *fait diver*, grosso modo, mas constituem um caso particular. Adiante, veremos por que.

Para Barthes (1970), o *fait diver* carrega consigo todo o saber necessário para a sua leitura. Não é preciso estar à par dos escândalos mais recentes no mundo da política

¹⁰Para um histórico dessas críticas ver Traquina (2004, p. 76-80)

¹¹Sobre as origens e primeiras formas de classificação desse tipo de relato ver (ALENCAR, 2009) e sobre a perenidade desse formato (VOGEL, 2007)



ou das celebridades para compreender suas nuances e decifrar alusões implícitas. Se pensarmos em termos de analogia literária, as notícias que pertencem ao horizonte da 'política' são tal como os acontecimentos que se sucedem em um romance, ao passo que do *fait diver* emana o 'acabamento' e a 'suficiência' de um conto. Neste, a figura temporal do imediato, daquilo que irrompe e se esvai subitamente; naquele, a duração da série, a inscrição na categoria transtemporal. Ora, não é bem isso que vemos acontecer nos textos analisados adiante. Podemos imaginar uma pessoa que venha a conhecer as personalidades políticas retratadas nas esquinas através dessa leitura. Parece mais sensato, no entanto, que a curiosidade seja atizada justamente pela promessa de descobrir o 'lado oculto' de alguém cuja faceta pública é bastante conhecida. E será justamente na construção dessa narrativa – que nos informa de uma esquisitice nos hábitos, de uma idiossincrasia extravagante ou de um episódio insólito – que esses textos apresentam as constantes estruturais identificadas por Barthes.

Quais são essas constantes? De acordo com o autor (BARTHES, 1970), essa sorte de textos, além de constituírem uma estrutura fechada, imanente, articulam dois termos; e é na problemática dessa relação o *fait diver* nasce. Há essencialmente dois tipos de relação: a causalidade e a coincidência. A causalidade esperada, natural, é frequentemente *perturbada*: há ocasiões em que não se pode definir ao certo qual foi a causa de certo acontecimento e outras em que poderosos esteriótipos são subvertidos por motivos inesperados. Há casos em que a proporção entre a causa e a consequência é completamente desmesurada e outros em que “acontecimentos importantes são tributários de um objeto prosaico” (idem, p.63). Importante notar que a idéia de causalidade sai reforçada do *fait diver*, pois que está presente neles, mas ela é sempre desafiada por forças que escapam à lógica simples. Nas palavras do autor “(...) a causa aparece fatalmente penetrada por uma força estranha: o acaso; no *fait diver*, toda causalidade é suspeita de acaso” (idem, ibidem).

Também as formas da coincidência são notáveis no *fait diver*: seja na repetição de um acontecimento trivial ou na aproximação de conteúdos (de campos simbólicos, de percursos lógicos, dirá Barthes) opostos. Agora, num movimento reflexivo que parte de uma *forma* literário-jornalística para abranger os domínios mais vastos da cultura e da ideologia, é possível ao autor identificar a função social que o *fait diver* desempenha na sociedade:



Causalidade aleatória, coincidência ordenada, é na junção desses dois movimentos que se constitui o *fait divers*: ambos acabam com efeito por recobrir uma zona ambígua *onde o acontecimento é plenamente vivido como um signo cujo conteúdo é no entanto incerto*. (...) seu papel é, ao que parece, preservar no seio da sociedade contemporânea a ambiguidade do racional e do irracional, do inteligível e do insondável (...). (BARTHES, 1970, p.66-67, grifos no original)

Nos exemplos de Barthes os dois 'termos' do *fait divers* são relativamente fáceis de reconhecer. Eles estão, assim dizer, explícitos. O que sugerimos para os textos da piauí é que essa relação problemática não só ocorre como é também a razão pelo *espanto* (como dirá o escritor francês) que eles provocam, o motivo da curiosidade que despertam. No entanto, o primeiro termo não está *no texto*, mas o precede: trata-se de uma imagem prévia que temos do personagem político ou da situação, ou antes, do cenário relatado. O segundo termo é a própria narrativa que se tece em torno desses conteúdos e que, relacionando se com esse conhecimento do leitor, corporifica as relações “estruturais” identificadas em A estrutura da Notícia.

2. Os textos políticos da esquina

Como estamos familiarizados com os textos publicados na esquina, escolhemos quatro relatos no universo total de 36 edições publicadas (nº1 a 36). Número pequeno, que permite uma análise nos limites desse artigo. Separamos, de forma intencional, textos que se relacionam de algum modo com o que podemos designar amplamente por 'universo da política': aí cabem relatos sobre figuras notórias da política institucional ou acontecimentos públicos que integram as agendas das distintas esferas do governo. Designaremos os primeiros por texto *centrado em personagem político* e o segundo por *centrado em cenário político*. O primeiro passo será redigir uma paráfrase desse texto, expondo o seu conteúdo e as linhas gerais de seu desenvolvimento argumentativo, onde procuramos nos ater ao sentido mais 'literal' do texto (1). Segue-se um comentário de trechos ou do plano estrutural desses relatos, que busca evidenciar os elementos destacados na primeira parte do artigo (2). Na sequência desse comentário, reproduzimos os trechos dos textos que são aludidos no comentário ou que ilustram seu argumento.

3. Análises



Revista *piauí* número 6 (março de 2007)

Título: Agora é tolerância total; César Maia diz por que prefere as milícias aos traficantes.

(texto centrado em personalidade política)

1. Narra-se a maneira como César Maia, prefeito da cidade do Rio de Janeiro¹², lida com a criminalidade e a violência de grupos milicianos na cidade que governa. Ressalta-se a maneira como esse político lida com os organismos de imprensa e sua trajetória profissional; há ainda, de modo fragmentário, diversas alusões às situações insustentáveis de conflitos sociais que permeiam a vida cotidiana da cidade.
2. *Existem, do ponto de vista estrutural, dois termos muito bem demarcados nesse relato, entre os quais se estabelece um jogo de distâncias, convergências, comodidade e paroxismo; por um lado, a figura do político, do mandatário eleito e incumbido idealmente de diversas funções pragmáticas; por outro, a cidade, capital-metrópole com suas contradições agudas, com sua história trágica, com seu *presente incompreensível* e, de certa forma, irremediável. ** A figura do prefeito engendra das imagens, uma *ideal* (pressuposta por contraste), a outra *real* (descrita no texto por meio da representação textual dos gestos, das atitudes e das idéias veiculadas explicitamente pelo sujeito histórico de que se trata, o prefeito César Maia). A imagem ideal (o representante eleito pelo sufrágio, merecedor da confiança da população, com habilidades práticas e intelectuais para perseguir as melhores soluções políticas e estratégicas frente aos desafios da convivência em sociedade) é seguidamente desafiada pela imagem *real*, essa sim caracterizada amplamente pelos recursos da narração (ex.1) *** O outro termo é a cidade: essa é apresentada simultaneamente como a) cronicamente inviável (do ponto de vista cultural) (ex.2) e b) resultado, em sua manifestação atual, de uma série histórica de equívocos políticos (ex. 3). **** A ironia se constrói sobre a ingenuidade e o otimismo temerário do prefeito frente a seu

¹²Os indivíduos podem, no tempo presente, não ocupar mais os cargos assinalados pelas matérias. Para não retificar à todo momento, no texto, abstermo-nos de comentar a atual situação dos personagens, exceto quando isso é necessário para a compreensão da argumentação.



locus de trabalho, a cidade (de forma bastante explícita em alguns trechos (ex.1 e 4)

Ex.1: (fala indireta do prefeito) *E o zelo dos pobres pelas escolas municipais chega a tal ponto que nem bandidos se metem com esse último reduto do serviço público – como pôde constatar, conta, a diretora que recebeu, em postas, o braço direito do assaltante que lhe roubara um aparelho de videocassete.*

Ex. 2: *É inútil bancar o intransigente numa cidade em cujo centro, mesmo nas ruas varridas três vezes por dia, há sempre lixo ao redor das cestas.*

Ex. 3: *E convenceram (os traficantes) o governador Leonel Brizola, em 1983, de que as favelas dispensavam repressão, por serem imunes à criminalidade que incubavam. César Maia chegou à política do Rio de Janeiro, como secretário de Fazenda, no governo Brizola. De lá para cá, o tráfico transformou os morros em praças de guerra.*

Ex. 4: *Naquela manhã, um correligionário do prefeito estava nos jornais, como suspeito da execução do inspetor F. Tostes (...). Trata-se de Nadinho, seu cabo eleitoral, produto político da segurança miliciana na favela. O prefeito considera Nadinho incapaz de se meter numa enrascada dessas, seria coisa de máfia pesada. "Cado contrário, errei feio", conclui, garfando os últimos fios do macarrão, que esfriou no prato.*

Número 30 (março de 2009):

Título: Suplicy: Sensual; O toque das suas mãos longas e macias...

(texto centrado em personagem político)

1. Um relato sobre as correspondências eletrônicas recebidas pelo senador Eduardo Suplicy, em especial aqueles de autoria feminina e que expressam um afeto sentimental pelo político. Conta-se o “roteiro” que essas missivas percorrem, desde sua origem (presumida pelo narrador), passando pela secretária pessoal de Suplicy e, finalmente, as relações deste último; casado, ele opta por não



responder à essas cartas, que são numerosas e procedem dos mais distintos cantos do país.

2. *Se remetermos ao modelo de estruturação formal do *fait diver* temos que convir que nesse relato, como em diversas *esquinas*, ele não se aplica à primeira vista. De fato, a articulação entre os dois termos e o caráter dessa relação não salta aos olhos. No entanto podemos, se mantivermos essa terminologia e a lógica do raciocínio, esboçar uma outra articulação entre notações. Essas seriam: a) a figura pública do senador, com suas aparições nos meios de comunicação, nos plenários do senado, nas ocasiões públicas, enfim, seu rosto *institucional*; b) o âmbito privado desse mesmo indivíduo, sua vida social e, nesse caso específico, seus relacionamentos afetivos (platônicos, mas ainda assim, afetivos). ** Entre essas das imagens constrói-se uma narrativa. Gradativamente somos informados de um “lado oculto” dessa pessoa: há aí algo de *voyeurismo*, mas, ao contrário do que se possa imaginar, ele não se volta sobre a figura do senador¹³ (tratado com uma distância respeitosa pelo narrador [ex.1]), mas sobre as cartas das remetentes (ex.2 e 3). *** É no tratamento que o narrador dispense à essas mulheres que se engendra, em grande parte, o humor do texto, uma vez que o teor dessas correspondências é transmitido de forma caricata.

Ex.1: *Com a mistura de placidez e marketing que o tornaram inimitável, o senador se justifica (...). Ciente de que mesmo o seu sorriso mais casual é capaz de produzir um "simples gostar", ele evita dar corda e, a exemplo de Tom Cruise, Leonardo di Caprio e Brad Pitt, não responde aos apelos românticos.*

Ex. 2: *Anos atrás, uma potiguar de 43 anos se disse enciumada ao flagrar Suplicy "dando um cheiro" no presidente Lula. "Queria estar no lugar dele", declarou. Uma rival sua de Joinville, de 28 anos, foi mais dada: "Com todo o meu respeito, senhor senador... eu te amo. Apesar de seres do partido que és... eu te amo". Sem descurar da liturgia exigida pelo cargo, capitulou de vez: "Se o senhor estiver*

¹³Uma análise histórica interessante sobre o uso do humor e o interesse jornalístico (do público que consome esse tipo de notícia) pela vida sexual das figuras eminentes da política encontra-se em *Popular Reality* de John Hartley (1996). O estudo desconstrói as ideias correntes sobre o jornalismo dito sensacionalista e demonstra como, em suas páginas e no leitura do público, se constrói uma outra *imagem* do que é a política; uma compreensão às vezes surpreendentemente sagaz, incapaz de ser apreendida por um modelo normativo de jornalismo que automaticamente descarta esse tipo de produção como sendo 'inferior'.



descomprometido, quero me casar com o senhor. Enfim, te amo... com todo o meu respeito."

Ex. 3: *A sensualidade de Suplicy foi igualmente exaltada por uma amazonense sagitariana que desde muito pensava escrever, "mas resistia à idéia por achar que uma correspondência de cunho pessoal, ainda vinda de uma pessoa estranha do Amazonas, jamais lhe chegaria às mãos." Ela só pôde ousar quando se lembrou dos versos de Fernando Pessoa: "Tudo vale a pena se a alma não é pequena."*

Número 35 (agosto de 2009):

Título: *Rá Rá: Do sambo ao judô com Vladimir*
(texto centrado em personagem político)

1. O texto é estruturado como uma pequena bibliografia, um perfil, do primeiro ministro russo Vladimir Putin. O eixo central da narrativa, que organiza o desenvolvimento da *estória*, é o fato de esse político ter lançado um *DVD* didático, onde ensina os golpes e a fundamentação filosófica das artes marciais. Através do comentário desse *DVD* e de livros com conteúdo semelhante – também de autoria de Putin e que fornecem parte substancial do material biográfico retrabalhado de forma satírica no relato – constrói-se uma imagem prosaica desse indivíduo e sublinham-se os traços enérgicos de sua personalidade.
2. * Nesse texto, tal qual no anterior, temos uma articulação entre a faceta pública do político (o chefe de uma nação temida, integrante dos quadros da KGB; a Rússia, ex-potência comunista) com a sua vida privada. ** Uma trajetória biográfica, bastante esquemática e simplificada, é apresentada: quando jovem, Putin amargou situações constrangedoras mas, devido à sua determinação inabalável, tornou-se mestre em diversas artes marciais. Cabe notar que o narrador se apoia visivelmente na trajetória biográfica contada pelo próprio Putin em suas obras – indicando explicitamente esse caráter simplista e esquemático, e ironizando-o constantemente (ex.1) *** A personalidade de Putin, depreendida de sua relação com as artes marciais (violento, briguento, afetando superioridade) é remetida à suas atitudes como chefe de estado; sob



esse ponto de vista, trata-se de uma narrativa alegórica, como pode ser rastreado no texto, que comporta índices de significado que remetem para um conhecimento prévio (ex. 2 e 3) – intervenção militar na República Tcheca, relações constantemente estremecidas com o Leste Europeu, imprensa censurada e manifestações públicas proibidas, etc.

Ex.1 O treinamento era intenso. Toda manhã, Putin corria em volta do Khepoyarvy, "um lago enorme com uns 17 quilômetros de circunferência". Depois, café da manhã e treino específico. Ao meio-dia, almoço, seguido de descanso e mais treino. Tamanha disciplina é enfatizada no vídeo: "Sucesso se alcança não só com exercícios físicos, mas também com uma intensa preparação moral", avisa. "O que valorizamos no judô é a autoconfiança, a firmeza, a determinação e o respeito aos mais velhos, aos colegas de equipe e aos adversários", declara para a câmera, olhos grudados no teleprompter.

Ex.2 Putin descobriu cedo as artes da luta. Em 1963, aos 11 anos de idade, franzino, decidiu aprender boxe como modo de se impor aos meninos da rua (e, mais tarde, do bairro, da cidade, do estado, do país, do mundo e, caso haja vida em alguma outra galáxia, também aos meninos de lá).

Ex.3 Certa vez, num campeonato em Leningrado, Putin aplicou o seoi nage em Vladimir Kjullenen, então campeão mundial de sambo. "O golpe foi tão bonito, tinha uma tal amplitude, que a luta deveria ter sido encerrada ali mesmo", ele lembra, quase com poesia. "Mas como Kjullenen era o campeão, isso seria considerado uma indecência." (...) Sabe-se que nunca é tarde para tomar tento. Se vivos estiverem, Vladimir Kjullenen e o menino que socou o nariz de Putin há meio século certamente valorizam a discricção, mas, se pudessem mudar de nome (ou de país), mal não faria.

Número 2 (novembro de 2006):

Título: Sem caixa dois nem coreografia; Já estão em marcha as engrenagens da posse que dessa vez não contará com os talentos de Marcos Valério e Duda Mendonça.

(texto centrado em cenário político)



1. O texto relata os preparativos para a posse do segundo mandato de Luiz Inácio Lula da Silva. Descreve os organizadores do evento e as precauções que precisam tomar para que o ato público decorra sem percalços para os convidados ilustres (chefes de estado) e para o público (o “povo”). Em torno desse acontecimento difuso (na verdade, não se trata de um 'acontecimento' jornalístico, mas da iminência dele, do ambiente que o precede e que, *a priori*, não preenche os critérios de noticiabilidade¹⁴ da imprensa) a narrativa é tecida num emaranhado de referências implícitas à situação política contemporânea do país.
2. * O contexto político: esse texto é talvez, entre os que selecionamos para análise, o que demanda mais claramente o conhecimento de uma certa situação da política nacional; o leitor é incapaz de deter-se no humor, de fazê-lo eficaz, se não estiver munido de algumas informações bastante precisas sobre o *jogo de forças* da política, sobre seus personagens e sobre a posição que ocupam na escala moral desse cenário; além do próprio título (Marcos Valério e Duda Mendonça foram nomes amplamente veiculados no noticiário político, personagens de “escândalos” que comprometeram o partido do presidente em seu primeiro mandato) esse jogo de remissões e referências é perceptível nos exemplos 1., 2. e 3. ** Valendo-nos da metáfora de Barthes, é possível dizer que o texto se inscreve no grande romance da política como capítulo irônico – seu narrador vê com ceticismo o jogo de cena dessa grande festa cívica. *** As referências do texto não dizem respeito apenas à uma história recente da política nacional, recorre-se também à uma gama de valores ou gestos *míticos* (ex.4).

Ex. 1: *Na posse de 2003, quem organizou a festa popular foi o marqueteiro Duda Mendonça. E quem pagou a conta de 1.5 milhão de reais foi Marcos Valério. Não parece haver candidatos a assumir o papel deles.*

Ex. 2: *É possível que a cerimônia no Congresso sirva de palco para o anúncio do novo ministério. Em 2003, dizem os registros, Cristóvão Buarque e José Dirceu foram os nomes mais aplaudidos. Conta-se também que a senadora Heloisa Helena declarou na*

¹⁴Uma levantamento histórico e posterior reflexão sobre os critérios de noticiabilidade (as diferentes definições e seu valor para compreender o *porque* de certas notícias e não outras) encontra-se em Silva (2005)



ocasião: "É hora de muita alegria, é um momento muito especial. (nota explicativa sobre o humor – a situação atual desses indivíduos)

Ex. 3: O dia terminará com uma recepção noturna no Palácio da Alvorada, também para convidados brasileiros e estrangeiros. O evento requer alguma animação musical. O ministro Gilberto Gil, caso continue no cargo, dificilmente poderá misturar as funções. Chico Buarque, de Paris, talvez mande um cartão. É possível que a ala baiana, agora robuteçada, seja solicitada a trazer os seus tambores.

Ex. 4: Em estilo napoleônico, deverá [ele, o presidente] passar a faixa a si mesmo.

4. Considerações finais

O espaço da *esquina* na revista *piauí* atualiza um gênero jornalístico que ora é chamado de *feature* (nos países anglófonos), ora de *fait diver*, e que guarda (ou, nesse caso, assimilou) traços da tradição nacional da crônica. É o lugar dos *varia*; mas o que designa uma abertura desmesurada no plano do conteúdo não elimina alguns traços constantes na linguagem desses textos, regularidades de seu discurso. É o que procuramos mostrar ao fazer um paralelo entre a lógica estrutural identificada por Barthes nos *fait diver* e um processo homólogo verificado nas esquinas.

Uma palavra a respeito do método. As análises as quais submetemos nosso *corpus*, pressupõe as aquisições teóricas dos estudos de narrativa jornalística. Entre as contribuições para esse campo de estudo estão os artigos de Bird e Dardenne (1993) e Albuquerque (2000), e, no Brasil, a obra de Luiz Gonzaga Motta (2002, 2007) e Soares (2001), por exemplo. No entanto, no desenvolvimento de nossa pesquisa – na qual o presente artigo constitui um dos passos iniciais – preferimos aderir à via aberta por Roland Barthes, principalmente das reflexões contidas em seu estudo sobre a novela *Sarrasine* de Balzac (1970 b). Não que os trabalhos mencionados anteriormente se mostrem insuficientes para o estudo de textos jornalísticos. Pelo contrário. No entanto, o foco na reconstrução das grandes narrativas míticas articuladas pelo discurso jornalístico não é nossa preocupação primeira. Desse ponto de vista, as contribuições de Barthes no referido estudo – dentre as quais o espaço plural de leitura, a natureza simbólica da escrita literária e o zelo em identificar os distintos códigos significantes



dos quais se compõe o texto – estimula um estudo sobre textos jornalísticos que, de alguma maneira, também guardam íntima relação com a literatura.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, A. de. **A narrativa jornalística para além dos fait-divers**. Revista Lumina, Facom\UFJF, v.3 n.2 jul\dez. 2000.

ALENCAR, A. M. de. **O que é o fait divers. Considerações a partir de Roland Barthes**. Disponível em:

http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/docente/trabalhos/ana_alencar_fait_divers.html
Acesso em 10 de setembro de 2009

BARTHES, R. A estrutura da notícia. In: BARTHES, R. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

_____. *Introdução à análise estrutural da narrativa*. In Barthes et al. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis, Rj: Vozes, 1993.

_____. **O Rumor da Língua**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. ; S/Z. Edições 70. Coleção Signos. Lisboa, Portugal, 1970.

BIRD, S. E. & DARDENNE, R. *Mito, registro e 'estórias': explorando as qualidades narrativas das notícias*. In: TRAQUINA, Nélon (org.) **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa, Vega, 1993.

FERNANDES, R. T. *A Narrativa de não Ficção na revista Piauí*. **Revista PJ:Br – Jornalismo Brasileiro**, São Paulo, vol. 5, nº 9, dezembro, 12/2007. Disponível em: http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/monografias9_a.htm. Acesso em: 07/2009.

HARTLEY, J. **Popular reality: journalism, modernity, popular culture**. London: Arnold, 1996.

LINS, V. F. L. **Interfaces do Jornalismo: a superação do padrão norte-americano de jornalismo através da revista piauí**. Belo Horizonte: Uni-BH, 2008. Disponível em: http://convergencia.jor.br/bancomonos/2008/virna_fabrini.pdf. Acesso em: 13/08/2009.



MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.

MARQUES, K. C. **Jornalismo literário na revista piauí: diálogo entre duas esferas da linguagem**. Maringá: Centro Universitário de Maringá, 2007. Disponível em: http://www.cesumar.br/comunicacao/arquivos/tccjor2007/tccjor2007_keila.pdf. Acesso em: 23/08/2009

MOTTA, L. G. Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico. In MOUILLAND, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O jornal: da forma ao sentido**. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p. 305-319.

_____. Análise pragmática da narrativa Jornalística. In LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

REVISTA PIAUÍ. Rio de Janeiro, Rj. Editora Alvinegra. 2006- . Mensal.

SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. Estudos em Jornalismo e Mídia (UFSC), Florianópolis - SC, v. 2, n. 1, p. 95-107, 2005.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular/Postor-UFSC, 2004

VAZ, P. B. F.; MINTZ, A. G. **Piauí, em busca do leitor perdido**. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007, Santos (SP). Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/gris/biblioteca/artigos/piaui-em-busca-do-leitor-perdido.pdf/download>. Acesso em 25/10/2009

VOGEL, D. I. **A sobrevida do fait-divers** [...]. 2007, arquivo digital recebido da autora.